

## UMA ENTREVISTA (QUASE) IMPOSSÍVEL AO MÁGICO LUÍS DE MATOS

Fantasia impenitente, Luís de Matos quis associar o lançamento de um livro da sua autoria a algo de verdadeiramente extraordinário no domínio da arte mágica. Um assombroso projeto. Quem nunca ambicionou poder, um dia, por graça de um qualquer miraculoso desígnio, adivinhar o número da sorte grande? Ou antecipar-se no conhecimento dos resultados desportivos que permitiria, com uma singela aposta, a vitória plena no totobola? Ou saber, com a exatidão fulminante das personagens visionárias das ficções fantásticas, quais as esferas que a tómbola eletrónica do totoloto irá fazer extrair, naquela cadência deslizante de números fortuneiros que, por regra, se mostram trocistas para com o nosso esforçado palpíte?

Bem sabemos que este género de cenários pertence ao mundo dos sonhos, dos devaneios maravilhosos que perpassam o espírito como quimeras apetecidas. Eivadas, porém, de algum egoísmo: porque, convenha-se, sempre vamos rejeitando a eventualidade de tais milagres se confinarem a um segundo prémio da lotaria, da mesma forma que reagiríamos mal a uma proposta do tipo: "*... bem, o próximo sorteio do totoloto irá dar o seguinte resultado, porém vamos lá partilhar este segredo com mais meia dúzia de parceiros...*"

Que dizer, então, se alguém, num lance de presciência mágica, conhecedor dos números que apenas serão determinados num futuro sorteio, renunciar à participação no concurso por considerar que estaria por essa forma pérfida não só a perturbar caoticamente o sistema mas também a lesar os restantes intervenientes "normais" (entenda-se: desprovidos em tão elevado grau de faculdades mágicas e premonitórias).

## CHAVE DA FORTUNA ENCERRADA NUM COFRE INVIOIÁVEL

A utopia, contudo, converteu-se numa realidade difícil de acreditar, mas visível aos olhos de Portugal inteiro. Luís de Matos aceitou, de facto, uma das mais desafiantes provas da sua carreira ao propor-se adivinhar o conjunto de sete algarismos premiados, entre as costumadas esferas, num concurso do totoloto, cujo sorteio oficial se efetuou em transmissão direta pela RTP1. A aventura atingiu o seu zénite de deslumbramento no primeiro sábado de dezembro de 1995. Dias antes, numa segunda-feira, assistiu-se em Lisboa a um episódio singularíssimo. O mágico, na presença dos órgãos da comunicação social, entregou um cofre de vidro ao presidente da Câmara Municipal de Coimbra (à época, Manuel Machado). Dentro do cofre o referido livro. Dentro do livro, a inscrição dos números que, seis dias depois, o público conheceria por meio da transmissão televisiva do sorteio.

O cofre, inviolável e robusto apesar de construído em vidro, apenas poderia ser aberto mediante a libertação de duas linguetas fechadas a cadeado. A chave de um dos cadeados ficou em poder de Luís de Matos; a segunda foi confiada ao autarca de Coimbra. Significava isto que a abertura só seria exequível, a partir desse momento, com a presença de ambos. Os jornalistas e o público certificaram a inviolabilidade da urna, de facto à prova de bala.

Iniciou-se então um período expectante de "contagem decrescente". O cofre permaneceu à vista de toda a gente, protegido por um dispositivo de segurança: tornava-se imperioso acautelar um ato de ansiedade incontida que impelisse alguém ao estilhaçamento da caixa e sequente acesso aos números da fortuna.

## GRANDE APARATO NA VIAGEM DE LISBOA A COIMBRA

Chegado sábado, esse dia marcou o clímax da espantosa experiência. Ao princípio da tarde, numa operação sempre presenciada pelos jornalistas, o cofre foi retirado do Centro das Amoreiras e introduzido num furgão blindado de transporte de valores, encetando uma viagem até Coimbra, cidade onde reside Luís de Matos. Acompanhava o furgão blindado um autocarro de turismo no qual seguiram os representantes da informação. O mágico fazia-se transportar isoladamente numa limusina que abria o séquito. Não faltou sequer um helicóptero com uma equipa de filmagem da RTP.

Em Coimbra, cofre e comitiva rumaram ao emblemático Edifício Chiado, na Rua Ferreira Borges. O ambiente era festivo, de convívio. O cofre permaneceu visível em local central do primeiro piso do Edifício Chiado.

Aproximava-se a hora crucial em que a RTP daria início à ansiada transmissão em direto da sessão do sorteio. No local, vários televisores permitiam acompanhar o ato.

Fez-se um grande silêncio no momento da emissão do indicativo musical do sorteio. Começou o carrossel das esferas rodopiantes. Depois foram saindo, atordoadas, compondo aquele colar colorido de números e esperanças. A última esfera, dita suplementar, desavinda, tomou um sentido contrário. Revelados os números, na totalidade, é chegado o momento de abrir o cofre com as duas chaves discrepantes. O convidado de honra extrai o livro, abre-o e... acontece magicamente o impossível: os números premiados correspondem em rigor aos que se encontram manuscritos numa página do álbum. Como prova da sua renúncia à possibilidade de ter ganho uma fortuna no caso de participação efetiva no concurso, Luís de Matos tira do bolso o boletim que preencheu com o palpite certo, todavia não entregue porque, como foi dito... isso representaria uma prevalência repreensível sobre os restantes concorrentes, desconhecedores do *modus faciendi* dos grandes sortilégios.

Dias antes deste acontecimento memorável fiz a Luís de Matos a mais impertinente e singular entrevista da minha carreira.

## A ENTREVISTA (OU: UM JOGO DO GATO E DO RATO)

— O vocábulo "adivinhação", reportado ao que vai passar-se na próxima semana, deve ser escrito com aspas ou sem aspas?

— Visualmente, creio que a palavra ficará mais bonita sem aspas.

— O que se pretende saber é: assume essa adivinhação como um ato de magia ou prefere que as pessoas a encarem em termos de efetiva premonição?

— Talvez uma premonição ilusionística. Ou uma ilusão premonitória... De qualquer dos modos, devo sublinhar que procuro, em todas as minhas intervenções, criar ilusões...

— Acredita em bruxas?

— Não, decididamente. É conhecida, porém, aquela frase aforística: mas que as há, há...

— Se calhar, é o caso...

— Se calhar, é...

— Isto parece um jogo do gato e do rato...

— É o meu jogo favorito. A "escapalogia" é uma das mais fascinantes modalidades da arte mágica. Mas... quem é o gato e quem é o rato?

— Tento ser eu o gato... mas...

— Isso não lhe fica bem.

— Pois não. Ossos do ofício...

— Ossos têm que ver mais com os cães...

— Pois.

— Mais alguma pergunta?

— Mal começámos! Tenho mil e uma perguntas!

— Vai ter de reduzir um bocadinho...

— Muita gente perguntar-se-á porque não adivinha o número da sorte grande. O conceito recorrente de faculdades premonitórias está

associado à lotaria. Costuma dizer-se: «Só me falta adivinhar o número da sorte grande...»

— Na realidade, a minha opção pelo totoloto prende-se tão-só com o facto de o respetivo sorteio ser transmitido por televisão e em direto para todo o País. O público poderá constatar, instantaneamente, se o meu palpite estará ou não certo.

— Há possibilidade de não acertar?

— Remotíssima.

— Numa escala de zero a cem, qual é a hipótese de um desaire?

— Zero vírgula doze por cento.

— Que preciosismo matemático!

— Prezo os cálculos rigorosos. São fundamentais em magia

— Se acontecer a hipótese «zero vírgula doze por cento», o que dirá ao público?

— Que acabaram de ter o privilégio de assistir a uma hipótese remotíssima.

— O País está suspenso, de olhos em si. Não teme o risco?

— É evidente que sim. Conheço o efeito angustioso de pressentir a pouca distância a lâmina da guilhotina...

— Apesar disso...

— Todas as aventuras envolvem riscos e é o gosto desses riscos que torna as aventuras irresistíveis e lhe dão sentido.

— Não receia que o cofre seja assaltado e alguém possa ter acesso ao vaticínio?

— Confio em pleno no forte dispositivo de segurança que vai montar-se no Centro das Amoreiras, sob a responsabilidade de pessoas competentíssimas e com larga experiência, como é o caso dos senhores coronel António Almeida Coimbra e engenheiro José Carlos Rosa.

- Vai intervir nesse plano de segurança?
- Tenho participado em reuniões com a presença, também, do administrador dr. Vítor Ruivo. Está garantida uma segurança absoluta, sem que tal dispositivo possa de alguma forma intimidar o público. Aliás, o sistema assenta, no fundamental, em procedimentos eletrónicos de que o público quase não se apercebe.
- A partir deste momento, a pergunta que mil vezes lhe vão fazer, será: «Onde está o truque?» Tem alguma resposta preparada?
- O truque não é importante.
- Reconheço o argumento: o caso das marionetas...
- Exato. Num espetáculo de marionetas, o que poderá fascinar são as próprias marionetas e não os fios que as animam.
- Admitir a existência dos "fios" já confortará muita gente...
- A verdade é que nunca os neguei. Não seria honesto.
- A sua "equipa mágica" participa nesta "operação"?
- Inevitavelmente. E em número ampliado.
- Quantas pessoas?
- Muitas, muitas. Devo a todos esses colaboradores uma palavra de imensa gratidão. É uma gente formidável.
- No dia 2 de Dezembro, o cofre viajará até Coimbra. A "operação" não poderia decorrer, do princípio ao fim, em Lisboa, no Centro das Amoreiras?
- Coimbra aparece, neste acontecimento, por razões, digamos, sentimentais. É a minha cidade. Tudo quanto de mais importante tem ocorrido na minha vida está de alguma forma associado a Coimbra. O que vai passar-se constitui, sem dúvida, algo de extraordinário na minha carreira.
- Qual será o intervalo de tempo entre o final da emissão do sorteio e a abertura do cofre?
- Não haverá, praticamente, intervalo. O cofre será aberto pelo convidado de honra logo após o anúncio do último número.

- Um minuto?
- Nem pensar! Muito, muito menos.
- Meio minuto?
- Repito: logo após o anúncio do último número. A sequência estará a ser transmitida pela televisão, não podem haver tempos mortos.
- Especula-se que, além dos números prognosticados que estão no cofre, o Luís terá consigo o boletim com a chave exata e cuja validação num posto de receção não chegou a fazer...
- Não é especulação. Por sinal tenho neste momento esse boletim na minha carteira. Não espera que lho mostre, pois não?
- Se não desse muita maçada...
- Volto a dizer: não lhe fica bem esse género de conduta. Mais alguma pergunta?
- Sim: o exemplar do livro que vai estar em foco distingue-se por alguma particularidade?
- É um exemplar normalíssimo, retirado de entre os milhares da edição. Mas há de facto uma pequena diferença...
- Ah!...
- É o único que possui na ante página de rosto os números que serão sorteados no próximo concurso do totoloto.
- Poderá ser examinado?
- Com certeza. Não esquecerei de lho apresentar se se proporcionar o nosso encontro no local.
- De que depende, sobretudo, uma realização desta natureza: dos meios financeiros, dos meios tecnológicos...?
- A componente mais importante é ter alguma coragem.
- Centenas de pessoas assistiram no Centro das Amoreiras ao momento em que o Luís, de forma oculta, escreveu no livro o seu palpite, ou seja, os números hipoteticamente certos. São esses mesmos algarismos que aparecerão manuscritos no sábado?

- Que pergunta estranha! Que outros poderiam ser?
- Permanecem escritos pelo seu próprio punho?
- Permanecem, claro. Não os vejo a fugirem do cofre... Continuo a não entender o sentido da pergunta.
- Poderá apontar-se algum tipo de ilicitude em relação ao facto de se propor adivinhar os números do totoloto?
- De maneira nenhuma. À semelhança do procedimento semanal de muitos milhares de cidadãos, farei apenas um palpite. A diferença é que, no final, verificar-se-á, bem o creio, que o meu palpite estava certo.
- A provedora da Misericórdia de Lisboa [instituição que tutela o totoloto] revelou-me esta manhã que se deslocará a Coimbra expressamente para assistir ao final da "operação"...
- Como, por acaso, estou lá nessa ocasião, terei a grata oportunidade de saudar a atitude desassombrada e o espírito aberto da dr.<sup>a</sup> Fernanda Mota Pinto.
- Joga regularmente no totoloto?
- Apenas em situações de emergência extrema.

© PEDRO FOYOS